

FEBRABAN



30°



CAFÉ COM
SUSTENTABILIDADE

**Programa
Ciência Sem Fronteiras**

Caros (as) Leitores (as)

O “Café com Sustentabilidade” da FEBRABAN acaba de completar 30 edições. Lançado em 2007, o evento reúne representantes dos bancos associados, de organizações sociais e governamentais, federações e formadores de opinião, que discutem e trocam ideias em prol de um mundo melhor.

A iniciativa visa a uma reflexão inteligente na busca por soluções que conciliem o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e o bem estar das pessoas. Em todos esses anos, foram promovidos encontros integrando diversas áreas do conhecimento, com temas que foram desde os direitos da criança e do adolescente, passando por mudanças climáticas, até a prestação de contas das ações sociais por entidades públicas e privadas.

Nesta 30ª publicação, convidamos você, leitor, a conhecer o conteúdo apresentado e debatido no dia 22 de fevereiro de 2013 sobre o Programa Ciência Sem Fronteiras.

As apresentações dos palestrantes estão disponíveis no site da FEBRABAN www.febraban.org.br

Boa leitura!

Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade - FEBRABAN



Apresentação

O início da temporada 2013 do “Café com Sustentabilidade”, em sua 30ª edição, trouxe o debate sobre o “Programa Ciência Sem Fronteiras”. Uma plateia qualificada, formada por representantes de bancos e instituições financeiras, compareceu ao auditório da FEBRABAN para conhecer o andamento do programa que já conta com mais de 20 mil bolsistas no exterior e as possibilidades de utilizá-lo nas respectivas políticas de recursos humanos.

O “Ciência Sem Fronteiras” é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), a partir de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC que estiveram presentes ao Café. Os palestrantes convidados foram:

- Jorge Almeida Guimarães - Presidente da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior
- Glaucius Oliva – Presidente de CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Até janeiro de 2013, o “Ciência Sem Fronteiras” já tinha oferecido mais de 22.500 bolsas de graduação e pós-graduação em 16 diferentes países e em renomadas universidades como o MIT (Massachusetts Institute of Technology). A partir do site www.cienciasemfronteiras.gov.br, as instituições financeiras podem consultar o perfil de cada estudante na seção “Bolsistas pelo Mundo”,

que apresenta as universidades participantes e sua respectiva localização no mundo. Ao clicar sobre a instituição de ensino, o internauta descobrirá os nomes e o currículo Lattes dos alunos brasileiros e poderá trocar mensagens via email.

Após o evento, a FEBRABAN e representantes da ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais); da BM&FBovespa (Bolsa de Valores Mercadorias e Futuros); da CETIP S/A – Mercados Organizados; da CIP (Câmara Interbancária de Pagamentos) e da companhia REDECARD formalizaram seus respectivos instrumentos de doação com as agências governamentais.

Na avaliação do vice-presidente executivo da FEBRABAN, Wilson Roberto Levorato, o setor financeiro só tem a ganhar com essa iniciativa. “Os bancos brasileiros são os mais eficientes do mundo e, por já termos alcançado essa pole position, nosso desafio agora é nos manter no topo e crescer mais”, diz Levorato. “Para isso, precisaremos de pessoas com altíssima capacidade e formação para integrar o já excelente quadro de profissionais no Brasil.”

A FEBRABAN e as entidades do setor financeiro contribuirão com 6.500 bolsas para o (Programa Ciência sem Fronteiras), totalizando um investimento de U\$S 180,8 milhões, dos quais U\$S 18 milhões já foram aportados em 2012. Estiveram presentes no 30º Café com Sustentabilidade mais de 50 executivos dos diversos bancos que patrocinam o programa através da FEBRABAN e das demais entidades do mercado financeiro.



WILSON ROBERTO LEVORATO

VICE-PRESIDENTE
DA FEBRABAN

Os bancos associados à FEBRABAN e as empresas ligadas aos mercados de capitais e financeiro reconhecem os méritos, as necessidades e as oportunidades do “Programa Ciência sem Fronteiras”. Foram com essas palavras que o vice-presidente da FEBRABAN, Wilson Roberto Levorato, deu início ao “30º Café com Sustentabilidade”, cuja edição trouxe à tona a importância de o Brasil preencher uma carência de profissionais altamente qualificados visando um salto de qualidade em talentos e recursos humanos.

Logo no início da exposição, Levorato fez questão de saudar os palestrantes – o presidente do CNPq, Glaucius Oliva, e o presidente da Capes, Jorge Guimarães –, assim como a presença de Denise Neddermeyer, diretora de relações internacionais da Capes. Ressaltou que a parceria entre a FEBRABAN e as duas entidades é fruto de

um mesmo objetivo: o fortalecimento dos recursos humanos no Brasil.

A aprovação das diretrizes do programa pela FEBRABAN veio no final de 2011, na forma de um compromisso de patrocínio para o financiamento de 6.500 bolsas, representando um investimento de US\$ 180,8 milhões. Além dos bancos associados à FEBRABAN, participam dessa doação a ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais); a BM&FBovespa (Bolsa de Valores Mercadorias e Futuros); a CETIP S/A – Mercados Organizados; a CIP (Câmara Interbancária de Pagamentos) e a companhia REDECARD. “O Ciência sem Fronteiras vai contribuir para que o Brasil alcance um desenvolvimento ainda maior e que o setor financeiro continue sendo um benchmark (referência) quando se fala em gestão, competitividade e solidez”, afirmou.

Das 101 mil bolsas previstas pelo programa para estudantes e pesquisadores brasileiros, o Governo Federal vai patrocinar 75 mil, e a iniciativa privada, as 26 mil bolsas restantes. O vice-presidente da FEBRABAN está certo de que todas as áreas da economia vão se beneficiar com a iniciativa, incluindo o setor financeiro brasileiro, já reconhecido pela alta tecnologia dos produtos e sofisticação em atendimento. "O 'Ciência sem Fronteiras' vai beneficiar diretamente a promoção dos recursos humanos nas empresas brasileiras, e isso vai transformar aquilo que é já bom em algo melhor ainda", concluiu o vice-presidente da FEBRABAN.

"O 'Ciência sem Fronteiras' vai beneficiar diretamente a promoção dos recursos humanos nas empresas brasileiras, e isso vai transformar aquilo que é já bom em algo melhor ainda





JORGE GUIMARÃES

Já chegou a hora de colher os primeiros frutos do “Ciência sem Fronteiras” – afirmou o presidente da Capes, Jorge Almeida Guimarães, referindo-se a uma nova etapa do programa que venceu, com êxito, sua fase inicial, quando seus idealizadores “saíam pelo mundo vendendo o peixe”. No início de sua exposição, Guimarães traçou um paralelo entre a robustez do setor bancário brasileiro e sua forte relação com a mão-de-obra qualificada presente nos quadros funcionais dos bancos.

“Graças ao profissionalismo do setor bancário brasileiro, visto como o mais sólido do mundo, nós passamos por essa crise financeira mundial sem turbulências”, lembrou. Segundo ele, uma das razões dessa superação está na empregabilidade de profissionais muito bem formados nos bancos do Brasil, desde engenheiros, pessoal de computação a administradores. E a migração para o setor bancário desse contingente qualificado ocorreu porque houve um período em que o resto do mercado brasileiro não era capaz de absorvê-los.

Guimarães disse, porém, que a despeito de o País possuir uma parcela da população altamente qualificada, o problema na educação

básica ainda persiste, o que acaba por refletir na própria dinâmica do programa. Ele exemplificou esse argumento com o fato de ter havido uma procura de quase 20 mil candidatos ao “Ciência Sem Fronteiras” para estudar em Portugal, sendo que metade deles tinha uma pontuação altíssima no Enem. “Eram excelentes alunos que, infelizmente, não poderão ser enviados para esse país, porque o número de vagas ofertadas foi excedido”, acrescentou. O que essa alta demanda pelas universidades lusitanas revela é que, embora tenham bom desempenho escolar, os alunos brasileiros preferem Portugal por causa do idioma, isto é, muitos ainda têm dificuldade de se comunicar na língua inglesa. “Por isso, também precisamos nos preocupar com o ensino de um segundo idioma no Brasil”, apontou.

Para contornar essa dificuldade, Guimarães anunciou o lançamento de um programa pela Capes para o ensino de inglês online voltado a 2 milhões de estudantes, o que abrangerá todos os alunos de graduação das universidades públicas (cerca de 1,2 milhão de jovens), todos os estudantes das redes privadas que fizeram 600 ou



"Também precisamos nos preocupar com o ensino de um segundo idioma no Brasil"

mais pontos no Enem, os pós-graduandos e os professores do ensino secundário no Brasil. Segundo o palestrante, "o curso online será ministrado pela melhor escola de idiomas que existe no mundo, a Cengage Learning, fundada nos Estados Unidos".

Dessa forma, explica o presidente da Capes, será proposto aos interessados em ir para Portugal, e aos mais de 7 mil alunos que tiveram pontuação superior a 600 pontos no Enem, a opção de ganharem seis meses de ensino da língua num outro país que escolherem, tais como os Estados Unidos, a Coreia, a China, a Alemanha, a França e a Inglaterra. "Essa é a solução encontrada para atingir também os novos ingressantes no programa, que podem não estar tão preparados quanto aqueles das primeiras turmas, nas quais a adesão foi maior por parte dos egressos da rede privada.

Preocupado com a formação dos professores de inglês das universidades, o programa também permitirá que eles sejam enviados a escolas do ensino secundário nos Estados Unidos para aperfeiçoarem a prática do segundo idioma. Outra medida anunciada será a de oferecer aos

estudantes de licenciatura, futuros professores de Educação Básica, a possibilidade de frequentarem dois de quatro anos de seu curso em países como Portugal, França, Suíça, Alemanha, Estados Unidos e Canadá. "O governo já fechou parcerias com a Embaixada Americana, o Departamento de Estado e o Departamento de Educação americanos, e os governos espanhol, alemão e francês."

Guimarães finalizou, afirmando que a presença do setor industrial e do setor de serviços no programa ajuda a dissipar críticas de que o governo estaria desperdiçando recursos. "Se fosse assim, o setor privado não apoiaria essa causa. Vocês sabem o quanto os empresários e as instituições privadas escolhem com precisão a maneira de aplicar seus recursos", comparou. O presidente da Capes agradeceu a possibilidade de debater esse tema na FEBRABAN, que considerou uma parceria exitosa, sobretudo nas figuras de Murilo Portugal e Mário Sérgio Vasconcelos, que foram entusiastas do programa desde seu início e possibilitaram a participação dos bancos e dos outros parceiros do setor financeiro à iniciativa do Governo Federal.



GLAUCIUS OLIVA

A principal riqueza que um país pode ter são seus recursos humanos, disse Glaucius Oliva, presidente do CNPq, no início de sua apresentação. Para ele, é imprescindível que o Brasil desenvolva a capacidade de promover seu patrimônio humano e que essa necessidade seja disseminada na sociedade. “Ter recursos naturais, como o solo, a água e o petróleo, é importante. Mas isso não é suficiente. Precisamos ter gente à frente desses recursos, e esta talvez seja essa a missão do Programa Ciência sem Fronteiras”, afirmou.

Segundo Glaucius, se a ciência no Brasil tem dado grandes avanços nos últimos 60 anos, com particular destaque para as últimas três décadas, isso se deve ao trabalho do CNPq e da Capes. Ambas as agências foram criadas em 1951, no momento em que o País vinha de uma história essencialmente rural. Hoje, o Brasil conta com uma infraestrutura de excelência em cursos qualificados em todas as áreas do conhecimento e em todas as regiões, respondendo por quase 3% do conhecimento novo produzido no mundo e por quase 60% da produção científica da América Latina. Segundo Oliva, já foram formados mais de 40 mil mestres e dois mil doutores.

O banco de dados do CNPq revela que há grupos de pesquisas espalhados por todo o País, com concentração no Sudeste. “Mas as regiões Sul e Nordeste também têm se destacado”, disse. O avanço para ciência e tecnologia pode ser também contabilizado pelos quase 2,8 milhões de currículos acadêmicos, de acordo com números de outubro de 2012, que cresceu acentuadamente nos últimos anos. “Esse aumento da produção científica tem sido a uma taxa que já é quase cinco vezes maior que a média mundial”, comparou Oliva. Na formação de mestre e doutores, o Brasil conta com um forte incentivo à pós-graduação, hoje com quase 4.500 programas, auditados e acreditados pela Capes anualmente.

Já o sistema de educação superior no Brasil, igualmente se sofisticou e se expandiu, com quase 7 milhões de estudantes matriculados todos os anos. É um crescimento que se acentuou, a partir do final da década passada e começo desta. “O Brasil está mudando, e isso se deve naturalmente a muitos investimentos”, afirmou Oliva. “Mas se a gente quiser que o País seja efetivamente rico e sem pobreza, que é o paradigma desse governo, o Brasil precisa inovar.”

O presidente do CNPq passou, então, a citar alguns exemplos, a começar da Petrobras que, até as décadas de 1970 e 80, era uma empresa com um “traço” no ranking mundial da produção de petróleo e gás. “Hoje, ela é líder global em perfuração em águas profundas.” Essa mudança começou a se concretizar quando a companhia resolveu criar um centro de pesquisa, contando com o apoio de uma das melhores universidades brasileiras, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, que possui um consagrado programa de pós-graduação nessa área.

Glaucius também lembrou que, quando o Brasil participava da Segunda Guerra Mundial, a Força Aérea Brasileira foi ao MIT (Massachusetts Institute of Technology) para descobrir como inserir o País na produção de aviões. O primeiro passo adotado foi a criação da escola de aviação, quando oito professores do MIT foram trazidos para São José dos Campos dando origem ao ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica). “Dez anos depois, surge a empresa estatal Embraer que, desde o início, investiu fortemente em inovação e, hoje, privatizada, é a terceira maior do mundo em produção de aviões”, ressaltou.

A área agrícola foi outra que se beneficiou do impacto do conhecimento. Em 1950, quando 85% da população vivia na zona rural e 15%, na zona urbana, o Brasil ainda era um importador de alimentos. A situação era tão crítica que o País fazia parte de um plano de distribuição gratuita de leite dos Estados Unidos, recebendo navios de leite em pó como doação para países necessitados de apoio, lembrou Oliva. Hoje, 15% da população brasileira mora no campo e somos uns dos maiores exportadores globais de alimento.

“Como é que mudamos essa história? Isso se dá pelo investimento que se faz em conhecimento”, disse. “A diferença foi a agregação de conhecimento na nossa produção agrícola. A soja, por exemplo, pode ser plantada em qualquer parte do país graças ao uso intensivo de tecnologia e pesquisa. O Brasil é, percentualmente, líder mundial em pesquisa e desenvolvimento em agropecuária tropical, com mais publicações científicas nessa área, em porcentagem, que os Estados Unidos.”

De acordo com Oliva, o aumento de

produtividade e do valor de nossas mercadorias tem de ser feito com conhecimento agregado. O grande desafio do Brasil é alcançar sua liderança no conhecimento natural, fazendo a transição para uma economia de baixo carbono e com sustentabilidade ambiental e, naturalmente, acabar com a pobreza. Para ele, isso deve ser feito agora, pois outros países já estão mais adiantados que o Brasil, citando o exemplo da China, que aprova mais de 160 mil pesquisas científicas por ano e possui fila de candidatos para admissão de doutorado.

A filosofia do programa “Ciência Sem Fronteiras” é aproveitar os resultados das pesquisas de ciência e tecnologia para traduzi-los à economia, em todos os setores manufatureiros, industriais, e de serviços. “O grande desafio é avançar na economia do conhecimento”, acrescentou o palestrante. Além de o governo continuar a fazer seus investimentos, os saltos qualitativos serão obtidos se forem incorporados os melhores talentos ao ambiente educacional e quando o empreendedorismo acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico gerado no País.

Glaucius explicou que o objetivo do programa é oferecer 101 mil bolsas no exterior para os mais talentosos estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores, permitindo que eles possam realizar estágios nas melhores universidades do mundo em um ambiente educacional profissional. “Queremos promover o avanço da ciência e tecnologia, fortalecer a internacionalização nas universidades brasileiras, aumentar o conhecimento inovador das empresas do nosso País e atrair jovens talentos e pesquisadores altamente qualificados para trabalhar aqui”, disse Oliva, ressaltando a necessidade de o País aproveitar esse momento, pois há, atualmente, uma oferta mundial de pesquisadores muito gabaritados.

Ao qualificar os estudantes e pesquisadores, o programa busca incorporar o conhecimento ao desenvolvimento nacional. Porém, ao contrário de outras políticas governamentais, que tendem a ser muitas vezes isonômicas, o “Ciência Sem Fronteiras” definiu focar em algumas áreas prioritárias, seguindo a orientação da presidente Dilma Rousseff. “A gente teve de tomar decisões e acho que o governo precisa agir assim, estabelecendo onde temos as

maiores carências. Por isso, definimos áreas prioritárias para o programa como engenharia, física, química, geociência, biologia, ciência biomédica, complexo industrial da saúde, toda a área de computação e tecnologia de informação”, disse Oliva, lembrando que essas áreas têm importância para o sistema financeiro, de tecnologia espacial, produção agrícola sustentável, petróleo e gás, energia renovável, tecnologia mineral, nuclear, biotecnologia, entre outras.

O programa oferece as modalidades de bolsas graduação sanduíche (o estudante vai, fica um ano e volta), doutorado sanduíche (começa o doutorado no país, fica um ano e volta pra terminar o doutorado), doutorado integral (os 4 anos de doutorado no exterior) e o pós-doutorado (depois de terminar o doutorado no Brasil, fica um ou dois anos no exterior e retorna).

Em seguida, Oliva ressaltou a importância da participação da FEBRABAN no programa. “Esses são os doadores – disse, apontando uma relação de empresas à plateia – e a FEBRABAN está no topo, campeã no que diz respeito ao aporte de bolsas do setor privado.”

O presidente do CNPq esclareceu ainda que o “Ciência Sem Fronteiras” é administrado não só pelo Governo Federal, mas também por empresas, contando com a presença de um Comitê de Acompanhamento e Assessoramento. Ele é constituído por quatro representantes do governo, quatro das empresas. O Presidente Murilo Portugal e o Diretor de Relações Institucionais da FEBRABAN, Mário Sérgio Vasconcelos, representam a entidade no Comitê participando de todas as suas reuniões.

Oliva sublinhou que todas as informações sobre o programa podem ser obtidas pelo portal <www.cienciasemfronteiras.gov.br>, desde as oportunidades de bolsas e demais dados sobre o andamento da iniciativa. “Esse é o cenário do programa em janeiro de 2013: temos 22.500 mil bolsas concedidas, até dezembro de 2012. Nossa meta inicial, quando lançamos o programa em junho de 2011, era de 23.430 bolsas. Ficamos só um pouco abaixo da meta. Existe uma visão muito clara de que esse programa tem a chance de realmente atingir os seus objetivos.”

Ainda destacando outros resultados obtidos, o presidente do CNPq informou que já foram realizadas quase 37 chamadas para graduação

sanduíche, outras 12 para programas relacionados à pós-graduação, além da assinatura de acordos com muitas empresas. Havia uma previsão inicial de haver uma maior concessão de bolsas para pós-graduação e menor para graduação, mas, segundo Oliva, na prática, houve uma forte demanda e interesse dos alunos de graduação.

Na etapa seguinte da exposição, o presidente do CNPq revelou os instrumentos desenvolvidos pelo programa para o acompanhamento dos estudantes. No site, é possível acessar a opção “Bolsistas pelo Mundo”, onde são mostrados os bolsistas, a foto de cada estudante, o nome, a universidade de onde ele veio, a vigência do curso no exterior, currículo Lattes, pagamentos feitos e existe até a possibilidade de enviar um e-mail para os alunos. Oliva usou como exemplo a University of California nos Estados Unidos, para demonstrar o funcionamento do site. Lá havia 113 estudantes, no momento da palestra, sendo 21 alunos de doutorado sanduíche, 4 de doutorado pleno, 62 estudantes de graduação sanduíche e 16 de pós-doutorados.

Numa próxima etapa, as agências lançarão um segundo sistema de acompanhamento, onde será possível detalhar todas as bolsas pagas pelo programa. “Queremos e já estamos fazendo o acompanhamento desses bolsistas. Quando eles retornam ao Brasil precisam fazer um relatório final, muito simples, contando se o período de estudo no exterior foi adequado, como foi a qualidade do curso, dos professores, do material didático, uma avaliação sobre seu aproveitamento, como foi a acomodação, se teve dificuldade de encontrar algo, se a residência era da própria universidade ou não e outras informações sobre o curso”, explicou. O objetivo dessas informações é filtrar os parceiros do programa, selecionando aqueles em que os estudantes brasileiros estão tendo melhor aproveitamento.

Os estudantes, prosseguiu Oliva, também têm que anexar comprovantes de embarque e retorno ao Brasil, histórico escolar das disciplinas realizadas no exterior, o resumo das atividades feitas, uma foto e o relatório final da bolsa. Com esses dados em mãos, o responsável em cada universidade pelo programa “Ciência Sem Fronteiras” tem de fazer uma avaliação do desempenho que aquele aluno

teve no exterior. Essa gama de informações vai permitir produzir relatórios gerenciais. Hoje, para facilitar o pagamento das bolsas, cada estudante já viaja com um cartão emitido no Brasil.

“Estamos lançando um portal na internet onde as empresas podem se cadastrar com uma senha e anunciar oportunidades de estágio ou emprego disponíveis”, anunciou Oliva. Nesse sistema, os estudantes que participaram do programa indicarão suas áreas prioritárias e serão informados a cada momento que surgir uma oportunidade de emprego. Estágios podem ser oferecidos por empresas do Brasil ou por empresas do exterior. Com isso, queremos contribuir com muitas companhias estrangeiras que possuem uma filial no Brasil e gostariam de receber esses estudantes para um estágio durante o período em que ele estiver no exterior, acrescentou o presidente do CNPq.

Cada país tem o seu site do “Ciência Sem Fronteiras”, cujas páginas são criadas para atrair estudantes interessados naquelas instituições. Oliva destacou que uma estudante da Universidade

Federal de Ouro Preto ganhou um prêmio de US\$ 50 mil por ter desenvolvido com uma colega norte-americana um aplicativo que permite tradução de idiomas em tempo real, usando um sistema de voz. “Outra aluna, do Rio Grande do Sul, estudante de design, ganhou um prêmio na Coreia por desenvolver design de um carro conceito para o Brasil 2020, com mobilidade de baixo consumo”, comemorou.

O presidente do CNPq encerrou sua exposição, revelando um e-mail que o órgão recebeu de um encarregado do setor de educação da Embaixada Americana em Brasília, onde ele afirma que tinha se encontrado com um representante da multinacional Praxair, com sede nos Estados Unidos, e que a empresa havia recebido de 10 a 12 estudantes brasileiros no verão passado. “O management da Praxair estava tão feliz com a qualidade dos nossos alunos que recomendou à filial brasileira que oferecesse emprego a todos os bolsistas que tinham feito esse estágio por lá”, salientou Oliva. “Esse é o resultado que o programa precisa ter. Estamos orgulhosos com a qualidade do programa”, finalizou.

“Existe uma visão muito clara de que esse programa tem a chance de realmente atingir os seus objetivos.”





Mário Sérgio Vasconcelos

“Obrigado professores. É extraordinário o que acabamos de ouvir aqui. Daqui a dez anos, nós ainda vamos falar sobre esse programa porque o seu potencial para transformar a postura das universidades, dos alunos e dos professores e aproximar a ciência da atividade empresarial, seja ela pública ou privada, é indiscutível. Esse programa poderá revolucionar a produção brasileira, em termos de competitividade e qualidade, assim como colocar o País num patamar muito mais elevado em termos de produção. Acho o programa absolutamente fantástico e gostaria muito de que nós, enquanto setor financeiro, o aproveitássemos, oferecendo espaço nas nossas organizações, na forma de estágio ou emprego para esses estudantes. Afinal, eles precisam voltar e encontrar um ambiente onde possam trazer todo conhecimento adquirido e aplicá-lo. Também precisamos preparar as pessoas do nosso interesse para participar desse programa. O objetivo desse encontro foi mostrar como está o ‘Ciência Sem Fronteiras’ e deixar vocês convencidos da oportunidade que esse programa representa. Minha primeira pergunta é: vamos considerar a hipótese de que um jovem promissor esteja trabalhando num banco e essa instituição quer investir nesse talento. Se esse jovem já terminou a universidade, como ele pode fazer para se candidatar ao programa?”

Glaucius Oliva

“Nesse caso, temos uma nova modalidade de bolsa que aprovamos no Comitê, que é a bolsa de desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior. Ainda não tivemos nenhuma chamada lançada, faremos isso em breve e anunciaremos no portal de bolsas e estágios. É uma bolsa para profissionais cientistas e engenheiros de empresas em projetos de inovação para ficar até 12 meses no exterior em programas de inovação. Quem apresenta a proposta é a empresa que deve estar à frente de um projeto de inovação, uma nova tecnologia ou que tenha um parceiro no exterior a ela associada para trazer uma nova tecnologia. Esse profissional vai ao exterior ganhando uma bolsa, mas mantém o seu vínculo com a empresa. Vamos dar a passagem, as mensalidades de acordo com a sua graduação, seus anos de experiência e outros requisitos. Especialmente para o setor financeiro, se vocês já têm seus próprios programas de estágios aos estudantes de graduação, é possível abrigar o estagiário por um período e depois mandá-lo para o exterior a partir do ‘Ciência Sem Fronteiras’. Quando ele volta, continua trabalhando no seu banco. Isso seria mais um exemplo de sucesso do programa.”

Jorge Guimarães

“Para complementar, gostaria de contar que, quando fomos a primeira vez para Harvard, a recepção por parte deles foi muito fria. Hoje todos querem estar no programa. O fato é que o “Ciência Sem Fronteiras” despertou grande interesse mundial e tenho certeza de que os parceiros do setor privado vão ter um ganho muito bom com isso”.

Linda Murasawa (Banco Santander)

“Bom dia professor, parabéns pelo programa. Percebi que, na área de finanças, administração e economia, que é onde concentra o público maior nas nossas organizações, há poucas referências de bolsas de estudo para estudantes dessas áreas. Por quê? A outra dúvida é em relação às bolsas que são eventualmente vinculadas ao setor privado: se o estudante viaja utilizando a bolsa concedida por determinada empresa, ele tem alguma obrigatoriedade de retornar especificamente para aquela empresa ou não? Obrigada!”

Jorge Guimarães

“Todos os estudantes têm obrigatoriedade de voltar ao País. Eles assinam um acordo e, nesse sentido, isso tem acontecido. O Brasil não está perdendo gente, diferentemente do que acontece na Argentina, Chile, México, Colômbia, que têm muita dificuldade de trazer seus estudantes de volta. Portanto, os alunos do ‘Ciência Sem Fronteiras’ têm o compromisso de voltar ao Brasil. Mas não existe nenhuma obrigatoriedade de o estudante ir para uma determinada empresa. Sobre a questão das Ciências Humanas, o programa não priorizou essa área por decisão da presidenta Dilma. Apesar disso, as duas agências estão abertas ao diálogo e a prova é que o ministro da Educação já me pediu para elaborar um programa para as Ciências Sociais e Humanas aplicado ao ‘Ciência Sem Fronteiras’. Portanto, estamos trabalhando nisso.”



Glaucius Oliva

“Com o tempo passamos a entender melhor a razão da presidenta em ter tomado essa decisão. De maneira alguma, ela considerou que essas áreas não sejam importantes. Todas as áreas são igualmente importantes. Mas é preciso considerar que, olhando para o cenário da economia nacional, o maior desafio do País está em falta de inovação. Vejam, por exemplo, o que está acontecendo com a nossa indústria de manufatura. Precisamos ser competitivos em alguns setores, mais que os

outros. É preciso ter um foco. Sobre sua segunda pergunta, o estudante não é obrigado a voltar para a empresa, a menos que ele tenha assinado um acordo com aquela companhia. O compromisso que ele assume com a gente é só de voltar ao Brasil e aqui permanecer por um tempo mínimo igual ao período que ele usufruiu da bolsa no exterior. Caso contrário, o estudante terá de devolver o valor integral da bolsa, as taxas escolares, as mensalidades, enfim, tudo.”



Fabio Moraes (Instituto FEBRABAN de Educação)

“Bom dia professores. Notei que as bolsas concentram bastante em graduação e doutorado. A pergunta que eu faço é: por que o mestrado foi descartado, já que existe uma grande demanda para vaga de mestrado, sobretudo o mestrado profissional?”

Jorge Guimarães

“Há muitos anos que nem a Capes nem o CNPq conseguem bolsa de mestrado no exterior, com exceção de projetos muito especiais de pesquisas, como por exemplo, um programa com as universidades alemãs. Mas nós não temos um programa para estudante de mestrado no exterior e há razões para isso. Primeiro, porque o nosso mestrado é muito bom aqui no Brasil. Atrás dos EUA e da China, a maior experiência de mestrado no mundo é a nossa. Temos hoje 130 mil estudantes de mestrado no Brasil e outros 60 e tantos mil de doutorado. Além disso, a experiência de mestrado na Europa é recente e pobre. Temos visto, inclusive, um enorme interesse da Europa por nossos estudantes de mestrado. Claro que, excepcionalmente, o ‘Ciência Sem Fronteiras’ pode abrir exceção para casos muito especiais já que temos flexibilidade, qualidade e agilidade. E são essas as razões.”

Guilherme Parente (Banco Safra)

“Parabéns ao programa. Realmente é ambicioso, e sua execução é um exemplo de que a gente consegue fazer ciência de forma organizada. Minha pergunta é mais uma sugestão. Gostaria de saber se há espaço para a construção de uma parceria não apenas no formato de patrocínio, mas também de apoio a programas inovadores já existentes nas instituições, com foco na necessidade dos bancos. Evidentemente, vamos aproveitar muito do conhecimento dos alunos egressos do ‘Ciência Sem Fronteiras’, mas a maior parte do conhecimento que a gente precisa está em outras disciplinas. Por isso queria deixar essa sugestão.”

Glaucius Oliva

“Sou plenamente favorável. Essa sua sugestão tem boa receptividade, sobretudo para a formação de recursos humanos e qualificação dos talentos do sistema financeiro. Seria muito legal se vocês pudessem nos ajudar, desenhando uma proposta. Poderíamos constituir aqui um grupo de trabalho que definisse o foco, as áreas envolvidas, o melhor modelo, as diretrizes desse apoio etc. Talvez, no início, nosso orçamento não seja gigantesco, mas isso não impede de começar. Eu veria isso como uma ótima iniciativa. O que acham se pensássemos em lançar uma chamada, um edital, que talvez nem receba o nome do ‘Ciência Sem Fronteiras’, mas que seja um programa específico para a formação em recursos humanos com a especificidade que vocês precisam. Isso é plenamente viável.”



CRÉDITOS

Redação
Agência Fato Relevante
Coordenação
Mário Sérgio Vasconcelos

Projeto Gráfico
Felici Design Estratégico
Fotos
Rafael Rezende



CAFÉ COM
SUSTENTABILIDADE
FEBRABAN

FEBRABAN – FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1485, 15º ANDAR | CEP 01452-921 | SÃO PAULO | SP

WWW.FEBRABAN.ORG.BR